

Originalmente publicado em: (Outubro 2008) *Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho.

Escrita para crianças e sistema literário: para uma reflexão sobre os novos caminhos da Literatura

Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva*

RESUMO

A especificidade da literatura infantil e juvenil serve, neste estudo, de ponto de partida para uma sugestão de renovação dos estudos que a ela se dedicam. A sua (ainda) problemática afirmação no seio do sistema literário, que a situa na periferia, bem como o ecletismo que a caracteriza concedem-lhe uma posição crítica privilegiada pelo distanciamento. O estudo rigoroso e sistemático dos caracteres distintivos da literatura infantil pode, ainda, contribuir positivamente para a reflexão no âmbito dos estudos literários, particularmente no que diz respeito à definição do cânone, às funções da literatura e à importância do leitor na construção do sentido.

ABSTRACT

In this study, the specificities of children and young adult's literature are the starting point for suggesting a renewal of the studies on this subject. Its (yet) problematic positioning in the literary system, which places it in the periphery, as well as its eclectics grant it a distancing and thus a privileged critical position. The rigorous, systematic study of the particular features of children literature can also contribute to the reflection in the field of literary studies, mostly on what the definition of canon, the functions of literature and the role played by the reader in the construction of meaning are concerned.

Com um percurso relativamente breve quando comparado com outras formas da expressão literária, a escrita para crianças tem afirmado a sua existência de um modo inegável. E isso tem acontecido independentemente da academia, ou seja, aquela afirmação acontece pelo constante crescimento do número de obras que preenchem as prateleiras das livrarias. Certamente, por detrás deste fenómeno estarão razões pouco relacionadas com a «finalidade sem fim» da arte. Mas, também apesar delas, esta realidade impõe a evidência do surgimento de uma zona de expansão da arte literária que pressupõe novos leitores e formas alternativas de expressão. Essa é porventura a razão que explica o contributo de muitos escritores consagrados para o enriquecimento da literatura preferencialmente dirigida aos mais novos, sendo que a especificidade dos leitores tem também, por outro lado, e de forma menos feliz, constituído uma espécie de rampa de lançamento para aqueles que procuram iniciar uma carreira literária.

O mesmo raciocínio poderá abranger os estudos académicos que sobre estes textos se debruçam: foi aberto um novo campo de reflexão, que atraiu muitos estudiosos pelas possibilidades oferecidas, numa área de estudos que acusava já sinais de esgotamento, quer pela perda de prestígio das ciências humanas em face das ciências exactas, quer pela ausência de novas perspectivas teóricas que, desvanecida a euforia das grandes

* Universidade dos Açores (msilva@uac.pt).

correntes de inovação da primeira metade do século XX na área da linguística e dos estudos literários, abrissem caminho a uma renovada visão do fenómeno literário.

Passada a fase combativa, de afirmação e definição do estatuto de uma escrita artística aparentemente limitada pela especificidade dos seus leitores – e não se pretende afirmar que todas as questões teóricas relacionadas com a natureza deste fenómeno estejam definitivamente encerradas ou sequer satisfatoriamente resolvidas –, aquilo que poderíamos considerar o esforço de reconhecimento e autonomização deveria agora dar lugar a uma fase de enquadramento no sistema, mesmo que guardando o traço de marginalidade que acompanhou desde o início a existência da literatura infantil e juvenil.

Como parte fundamental da própria afirmação da produção literária para crianças e jovens, há agora que fomentar um exercício da crítica, consciente do seu papel orientador da leitura e da criação literária; há que valorizar, em termos de rigor e de uma coerente integração teórica, os percursos passados e futuros das obras para crianças e jovens, reclamando para elas um lugar no sistema literário. E isso implica o esforço de indexação da produção literária para os mais novos, conjuntamente com a tentativa de estabelecer um cânone e recolher elementos para a constituição de uma história literária, passos importantes para a própria afirmação de qualquer literatura.

A estrutura do estudo que toma como objecto a arte literária poderia ser descrita por um esquema em pirâmide, cuja base seria preenchida pelas obras concretas e o vértice superior equivaleria ao nível de maior abstracção, o da teoria. Entre os dois, situar-se-iam os estudos literários, constituídos pela história e pela crítica literárias, mais estreitamente ligados às obras concretas e a partir dos quais se elabora a teoria literária¹.

O trabalho específico daqueles que escolheram esta área de estudo situar-se-á necessariamente no âmbito da história, da crítica ou da investigação literárias, tomando como objecto as obras reais. Só através de uma intervenção produtiva naquilo que constitui os estudos literários poderemos de alguma forma intervir na «formatação» da teoria literária, que sobre os resultados destes estudos se constrói. Se tudo é, como afirmava há já bastante tempo Cecília Meireles, «uma literatura só», se os instrumentos que utilizamos no conhecimento dos textos são os mesmos de toda a literatura, forçosamente a teoria literária será, também ela, a mesma. É certo que Juan Cervera escreveu, em tempos, uma valiosa obra intitulada *Teoria de la literatura Infantil*. Todavia, o que aí se faz é uma compilação dos traços específicos da literatura infantil, organizados em função de uma teoria constituída para todas as formas da literatura.

Creio ser, portanto, no âmbito dos estudos literários que a investigação em literatura infantil e juvenil pode ser produtiva, ultrapassando os seus próprios limites e alargando as fronteiras de um saber que, institucionalizado, tende a cristalizar os seus conceitos e as suas perspectivas. De acordo com esta linha de pensamento, a partir do momento em que conseguirmos afirmar a existência de um considerável e rigoroso trabalho neste âmbito, abriremos caminho à consideração das nossas conclusões na elaboração da teoria literária.

¹ Tomo aqui como ponto de partida o raciocínio desenvolvido por Antoine Compagnon, em *Le démon de la théorie*, onde o autor procura esclarecer o objecto característico da teoria e dos estudos literários. Todavia, embora a imagem da pirâmide procure incluir a ideia de abstracção crescente a que o autor se refere, ela surge aqui como uma sugestão minha, dado que a essa crescente abstracção se adiciona, naturalmente, um crescente nível de síntese.

E a verdade é que as obras da literatura para crianças e jovens oferecem vasto campo para problematização de variados aspectos da escrita literária, dos seus paradigmas e dos seus preconceitos, até mesmo da aplicabilidade efectiva das suas teorias.

Uma das primeiras questões levantadas pelos mesmos factores que tornaram difícil o reconhecimento da literatura para crianças e jovens e a afirmação da sua área de estudo prende-se, como sabemos, com o paradoxo de uma cultura que, caracterizada pela «obsessão cultural e conceptual com a criança», para usar palavras de Zohar Shavit (1991: 134), a exclui das elites culturais e minimiza não propriamente a importância mas o valor estético das formas de arte dirigidas a este público. Assim, a escrita para crianças e jovens mantém-se numa posição periférica do sistema literário, dado que este se tem orientado, particularmente na contemporaneidade, pela complexidade dos processos expressivos que, na chamada grande literatura, substituíram ou alteraram significativamente os parâmetros de valorização do sentido, circunscrevendo a leitura compreensiva apenas aos iniciados. Embora seja possível e frequente encontrar nos textos dirigidos aos mais novos o aproveitamento e a exploração de muitos dos processos discursivos da literatura actual e outras formas de inovação que aqui encontram terreno mais fértil (como o diálogo criativo entre texto e imagem), não é possível perder de vista que esta é uma escrita que deverá permitir a colaboração interpretativa de leitores em formação.

É, aliás, a determinante centralidade do leitor que constitui o dado fundamental sobre o qual se estrutura a especificidade desta produção literária. Particularmente atenta às necessidades e gostos do seu público, e não perdendo de vista a sua formação enquanto leitores mas também enquanto indivíduos em processo de crescimento, a literatura infantil e juvenil afasta-se da «finalidade sem fim da arte» (caindo, por vezes, de uma forma menos feliz, no extremo oposto) e associa à literatura diversas funções que, como veremos, decorrem da própria natureza do texto literário. É esse o sentido da proposta de esquematização que Teresa Colomer Martínez apresenta, num artigo intitulado «El desenlace de los cuentos como ejemplo de las funciones de la literatura infantil y juvenil»:

Se esquematizan en tres las funciones de la literatura infantil en el contexto sociocultural actual: el aprendizaje del lenguaje y de las formas literarias básicas sobre las que se sustentan y desarrollan las competencias interpretativas de los individuos a lo largo de su educación literaria; la incorporación de los niños al imaginario de su colectividad, y la socialización de las nuevas generaciones en los valores y conductas de su cultura. (Colomer Martínez, 2005: 203)

Segundo a autora, os valores educativos estabelecem uma relação de interdependência com os valores artísticos do próprio texto literário, dado o poder aculturador da literatura, o valor expressivo e aglutinador do imaginário e a reflexão sobre a natureza humana que aí é empreendida, permitindo o contacto com diversas experiências, perspectivas e situações. É o modo de funcionamento do texto que permite que este se transforme num instrumento educativo *lato sensu*. E o poder de atracção e de sugestão do texto literário prende-se com outras duas funções que Teresa Colomer Martínez refere no seu texto, mas não inclui na sua esquematização: dar prazer (estético, lúdico) e tranquilizar, funções que a literatura para adultos relegou para um lugar

secundário, ao valorizar o prazer intelectual e a necessidade de expressar a inquietação e a angústia do ser em crise. A última daquelas funções é abrangida (com o necessário ajustamento de sentido) por outra, que decorre também da essência do texto literário: a função curativa, reconciliadora. Reconhecida pela psicanálise e largamente referenciada quer nos próprios textos literários (particularmente na poesia), quer em textos críticos, esta função tem a particularidade de sustentar uma dupla abrangência, pois os seus efeitos podem projectar-se quer sobre o autor quer sobre o leitor. Assim, enquanto na literatura para adultos essa função está associada ao poder reconciliador e libertador da escrita autobiográfica ou da poesia, por exemplo, cujos efeitos se centram essencialmente sobre o autor, na literatura para crianças efeitos semelhantes projectam-se maioritariamente² sobre o leitor – o que, aliás, só por si, é revelador de algumas diferenças essenciais entre as duas formas de expressão.

Nenhuma destas funções implica um uso moralizante ou expressamente pedagógico-didático, uso que persiste ainda na literatura actual e também na sua avaliação crítica³. Por outras palavras, a natureza da criação literária não se coaduna com a sobreposição de intenções pragmáticas⁴, e se, noutros campos, a literatura infantil e juvenil pôde seguir um caminho paralelo, não pode, todavia, ignorar um princípio que se prende com a essência do acto criador. Mas a abertura com que os seus textos acolhem as diversas funções que o texto literário pode assumir sem comprometer o seu estatuto de arte poderia ou deveria reacender uma discussão de que muitos autores se têm alheado. O certo é que a clara assunção dessas funções despertou a atenção, por oposição, para um vazio ético que tem caracterizado muitos textos para adultos, reflectindo um traço da sociedade pós-moderna. Esse vazio traduz, em parte, a concepção da idade adulta como distinta da infância em termos de necessidades básicas, mas também a orientação de uma civilização que rejeitou e/ou questionou todas as formas de imposição de paradigmas, em nome da liberdade individual. Como aconteceu com outros aspectos da cultura e do pensamento humanos ao longo da história, a reflexão sobre dilemas morais relacionados com o crescimento e a afirmação da identidade refugiou-se e encontrou terreno propício no domínio da expressão escrita para os mais jovens.

Para Karen L. McGavock, investigadora britânica, essa realidade acaba por aproximar a literatura para crianças da literatura para adultos. O sucesso generalizado de obras que, distanciadas já da concepção didáctica da primeira geração de autores que escreveram para crianças, oferecem uma saudável e construtiva abordagem a problemas morais, como as de Lewis Carroll, J. M. Barrie e C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien ou J. K. Rowling (mesmo que na sua versão cinematográfica), deve-se a uma necessidade de exploração desses dilemas que abarca também o público adulto:

² Convém, apesar desta afirmação, acrescentar que, na maioria das obras para crianças ou jovens, se pode presentir ou identificar a mesma função reconciliadora – usualmente, os autores buscam, nesta opção de escrita, uma reconciliação com a sua própria infância.

³ A este propósito, afirma Teresa Colomer Martínez: «No hay nada que objetar si se desea dar a los niños libros que reflejen situaciones y conflictos propios del mundo moderno, como por ejemplo las nuevas formas familiares, los flujos migratorios o la creciente atención a conflictos psicológicos infantiles como las pesadillas y miedos nocturnos. El problema es que ello se realice “desde la literatura” y no se vea determinado por objetivos didácticos, por decirlo de una forma simplificada» (Colomer Martínez, 2005: 206)

⁴ A literatura para crianças e jovens tem, como toda a literatura, um papel na sua formação, mas que é incompatível com a unidireccionalidade que decorre da atitude pedagógica e/ou didáctica.

The successes of The Lord of the Rings and Narnia films suggest that there is an interest in exploring moral dilemmas, fulfilling a need (perhaps for tolerance and understanding) in society at large. (McGavock, 2007: 129)

Todavia, apesar de a ligação entre literatura e construção da moralidade ser reconhecida há séculos, esse reconhecimento não inclui os adultos:

Yet many [philosophers] have failed to extend this to also consider the significant contribution which children's literature makes to the moral development of adults. For far too long children's literature has remained on the periphery despite being central to our understanding of ourselves.[...] Children's literature therefore fills a need to explore these ontological dilemmas since many works of adult fiction do not provide the scope to do this. This goes some way towards explaining their popularity with adults. (McGavock, 2007: 141)

O crescente interesse dos adultos por estas obras preferencialmente dirigidas aos mais jovens denota as consequências do já mencionado vazio ético e coexiste com o ressurgimento do interesse da filosofia pelas questões morais relacionadas com as noções de carácter e virtude ou, na área dos estudos literários, com o renascimento do interesse pelas consequências da escrita.

Há ainda que considerar que este pode ser um sinal de uma aproximação ou comunhão de interesses, já utilizada na defesa da teoria de que «tudo é uma literatura só». Para a autora do artigo que temos vindo a citar, esta aproximação testemunha uma diluição de fronteiras, que tornará obsoleta a constituição de um cânone separado para as obras de potencial recepção infantil. De qualquer forma, estas obras apontam o caminho de uma reconciliação, que assenta também no reconhecimento de que a infância não é apenas uma fase separada e rapidamente ultrapassada da vida; algo nela permanece ao longo da existência, reaparecendo e manifestando-se em momentos privilegiados da busca de identidade, da busca de sentido, em geral – o que nos conduziria à necessidade de reinventar a oposição convencional entre infância e idade adulta.

Se considerarmos que a opção por um ponto de vista ligado, embora artificialmente, ao universo infantil permite avaliar criticamente o mundo dos adultos; se a isso juntarmos o facto de que os autores são normalmente adultos, poderemos concluir que a literatura para crianças e jovens, procurando acercar-se do mundo da infância e revelando, portanto, a evolução do conceito que dela construímos ao longo do tempo, terá também de ser particularmente reveladora sobre o entendimento do mundo, os anseios e as necessidades daqueles que, do ponto de vista tradicional, abandonaram há muito o «país do nunca».

No que diz respeito à própria expressão literária, relembremos que a literatura infantil nasceu e cresceu com a emergência da modernidade, com a sua consciência da fluidez do tempo, da constante mobilidade de todas as coisas, e que o seu desenvolvimento seguiu caminhos condicionados pela evolução do pensamento que ela desencadeou. Segundo Karen L. McGavock, as obras evocadas pela literatura infantil (entre muitas outras sobre as quais importaria levar a cabo uma investigação semelhante) dão testemunho de uma maneira de ser e de estar que aprendemos a relacionar com a pós-modernidade, mas que traduz também questões intemporais que já afloravam a literatura infantil desde

o momento em que as suas obras incluem o entendimento dos seus potenciais leitores como seres activos na construção da sua identidade:

Works deemed to be seminal to the canon of children's literature such as Alice's Adventures in Wonderland, Peter Pan and The Chronicles of Narnia challenge readers to work through conflicts many of which can be identified retrospectively as exhibiting postmodern characteristics such as genre eclecticism, the disintegration of traditional narrative structures, polyphony, intersubjectivity and metafiction. (McGavock, 2007: 134)

Consciência da referencialidade instável, angústia do tempo, da morte e da ausência de sentido e negociação do espaço entre infância e idade adulta são outros dos aspectos que justificam a integração de obras da literatura infantil naquilo que a autora designa, evocando a terminologia proposta por D. Jasper, como «theodical postmodernism», designação que traduz a ligação com a vertente daquele movimento que busca a reconciliação, por oposição à sua vertente que divide, exacerba, destrói e expõe (McGavock, 2007: p. 129).

Concluindo, a literatura infantil fez a sua afirmação a partir de uma restrição relacionada com os seus leitores preferenciais, ou, melhor dizendo, relacionada com o conceito restrito que dela se construiu, bem como de uma herança que os adultos recusaram, constituída, por exemplo, pelas formas de expressão tradicionais, sendo ainda condicionada pelo peso de uma responsabilidade educativa nem sempre bem entendida. Ainda assim, muitos escritores que a ela se dedicaram souberam exprimir, sem perder de vista os possíveis leitores reais, a visão e a maneira de ser e de estar do seu tempo; apesar das restrições, souberam tratar exemplarmente, recorrendo a uma linguagem simbólica, os grandes dilemas do ser humano; com os mesmos recursos expressivos de toda a literatura, desenvolveram formas de expressão que permitem a comunicação com crianças, jovens e adultos; adoptaram de uma forma excepcional, embora por vezes muito criticada, recursos de outros meios de comunicação, procurando acompanhar os interesses dos seus leitores; levaram a complexidade da relação texto/imagem a um nível sem comparação noutras formas de literatura, nível esse que ilustra a essência dual e irónica⁵ que subjaz a toda a criação literária para os mais jovens. Finalmente, demonstraram como é possível criar arte tendo em conta os interesses e necessidades dos leitores, restaurando uma aliança entre todas as idades⁶, o que o próprio nascimento da ideia de infância tornara quase impensável.

O papel daqueles que se dedicam ao estudo da literatura para crianças e jovens deverá, neste contexto, ser o de pôr em destaque a riqueza deste património da expressão artística, valorizando as suas obras através de um rigoroso trabalho crítico, cujos frutos, partindo ainda da sua especificidade, possam contribuir, de uma forma profícua, para a renovação do sistema literário.

⁵ A LIJ nasce e vive do confronto entre o mundo dos adultos e o das crianças; dessa tensão nascem formas peculiares da escrita literária que proporcionam o desdobramento do olhar, gerando um processo dialógico comum à ironia; o mesmo acontece, segundo Perry Nodelman, citado por Lawrence R. Sipe, na relação texto/imagem, que é sustentada pelo «comentário irónico» (SIPE, 1998.90).

⁶ Esta aliança estaria na base, por exemplo, das histórias tradicionais, e foi ela que permitiu que essas narrativas constituíssem a base fundamental do *corpus* destinado aos leitores em formação.

Referências bibliográficas

- ▶ COLOMER MARTINEZ, T. (2005). El desenlace de los cuentos como ejemplo de las funciones de la literatura infantil y juvenil. In *Revista de Educación*, n.º extraordinário, pp. 203-216.
- ▶ COMPAGNON, A. (2001). *Le Démon de la Théorie: Littérature et sens commun*. Paris: Éditions du Seuil.
- ▶ MCGAVOCK, K.L. (2007). Agents of reform? Children's literature and philosophy. In *Philosophia*, 35, pp. 129-143.
- ▶ SIPE, L.R. (1998). How picture books work: A semiotically framed theory of text-picture relationships. In *Children's Literature in Education*, 29 (2), pp. 97-108.
- ▶ SHAVIT, Z. (1991). La noción de niñez y los textos para niños [trad. do inglês de Desiderio Navarro]. In *Cráterios (La Habana)*, 29, Janeiro-Junho, pp. 134-136 (<http://www.criterios.es/pdf/shavitnicion.pdf>).